



# COISAS DE NEGRES

DESCIDA DA MEMÓRIA,  
IDENTIDADE E INCLUSÃO



TERRITÓRIOS NEGROS  
VITÓRIA-ES

# **COISAS DE NEGRES: DESCIDA DA MEMÓRIA, IDENTIDADE E INCLUSÃO TERRITÓRIOS NEGROS VITÓRIA-ES**

## **AUTORIA - PESQUISAS - FOTOGRAFIAS**

AINGRID FABIANE DE SOUZA

## **REALIZAÇÃO**

Associação Cultural Coisas de Negres

CNPJ N° 52.873.949/0001-08

Fundado em 10 de março de 2021

## **Diretoria Administrativa:**

Edson Bomfim dos Santos – Coordenador Geral

Adriana Oliveira – Secretária de Administração

Aingrid Souza – Secretária de Finanças

Luca da Silva Ávila – Secretária de Comunicação

Maura Cândida Santos Bomfim – Secretária de Relações Públicas

## **Diretoria Artística:**

Mestre Genivaldo Monteiro - Mestre de Bateria

Aingrid Souza – Coordenação Musical

## **DESIGNER**

Larissa de Souza Pereira

Thaíla Alexandra de Oliveira Ferreira

**VITÓRIA, ES 2025**

## ASSOCIAÇÃO CULTURAL COISAS DE NEGRES

### **COISAS DE NEGRES: DESCIDA DA MEMÓRIA. IDENTIDADE E INCLUSÃO TERRITÓRIOS NEGROS VITÓRIA-ES**


A Associação Cultural Coisas de Negres é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, responsável pela manutenção do Bloco Coisas de Negres.

Fundada em 10 de março de 2021, tem como missão valorizar a cultura afro-brasileira e combater o racismo estrutural e as diversas formas de preconceitos por meio de ações artísticas, educativas e socioculturais. Suas ações se desdobram em uma multiplicidade de frentes, enfrentando as diversas formas de discriminação que ainda fragmentam a sociedade. O Coisas de Negres, portanto, se posiciona como parte integrante de um movimento que se opõe ao racismo, ao machismo, à LGBTfobia, ao capacitismo, ao etarismo e a todas as formas de opressão que buscam dividir e silenciar os sujeitos marginalizados pela sociedade e pelo Estado.

O Bloco Coisas de Negres vai além do carnaval, funcionando como um instrumento político-cultural que une música, memória, ancestralidade e cidadania, transformando a rua em espaço de afirmação da identidade negra e de enfrentamento à opressão.

O Bloco Coisas de Negres, assim, se apresenta não apenas como uma celebração, mas como um convite à reflexão e à ação, convocando todos para o fortalecimento de uma resistência coletiva que transcenda a fragmentação e a alienação, e que seja capaz de, efetivamente, transformar a realidade social em que estamos inseridos. Porque, como bem sabemos, a verdadeira resistência não é a soma de lutas individuais, mas a convergência de ações coletivas.



 Ubuntu



# PREFÁCIO

A luta pela preservação da memória (contribuição econômica, social, cultural e política) da comunidade negra em diáspora, principalmente no Brasil, é atravessada por um sem-número de batalhas. Essa luta, reproduzida hoje por nós e desenvolvida nem sempre de forma consciente, porém não menos importante, por nossos antepassados, se encontra perpetuada em dois fenômenos que interagem entre si: a imposição do branquismo e o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Assim em uma das facetas destes fenômenos marcantes da estrutura social e política de nossa sociedade, encontramos o apagamento ou a invisibilização histórica e/ou a invisibilização social das contribuições da comunidade negra em diáspora.

Podemos destacar que este processo de apagamento/invisibilização teve início com a lei para queima dos arquivos sobre a escravização negra, por parte de Rui Barbosa, então Ministro de Estado. No entanto, esta prática ganhou novos contornos e atingiu, e atingi, o embranquecimento de personalidades históricas que são retratados em negação a sua origem étnica.

Tais fatos, apenas solidificam a prática racista do Estado brasileiro e a estruturalidade do racismo, que são desenvolvidas das mais variadas formas e práticas, em busca da manutenção de um “status quo” do branquismo.

A Associação Cultural Coisas de Negres, através do Bloco Coisas de Negres, vem se somar à luta pela memória e consciência Negra, com o Projeto Coisas de Negres: Descida Memória, Identidade e Inclusão, onde revisitaremos pontos marcantes da escravização negra no Município de Vitória/ES. Com este projeto buscamos fomentar o conhecimento, a conscientização do nosso processo histórico, em uma ação de resgate, formação e difusão da presença negra em nosso estado.

Esta iniciativa ganha ainda mais importância ao nos revelar o aporte que nossa militante e coordenadora musical proporciona não apenas academicamente – trabalho de conclusão de curso em Geografia – como também socialmente ao disponibilizar parte da sua pesquisa para consecução deste projeto. As contribuições à luta por REPARAÇÃO e contra o racismo estão em nosso cotidiano. É isto que nos oferta Aingrid Fabiane de Souza, através da Rota da Memória, Identidade e Inclusão - Territórios Negros na cidade de Vitória-ES.

Axé.

Edson Bomfim  
Coordenador Geral  
Coisas de Negres

# SUMÁRIO

---

## PREFÁCIO

### 01 — INTRODUÇÃO

### 03 — CIRCUITO DA DESCIDA DO BLOCO COISAS DE NEGRES

#### 04 — ESTÁTUA DE DONA DOMINGAS

#### 07 — IGREJA DE SÃO GONÇALO (DOS HOMENS PARDOS)

#### 10 — LADEIRA DO PELOURINHO (ESCADARIA MARIA ORTIZ)

#### 12 — PRAÇA COSTA PEREIRA

#### 14 — ESCADARIA DO ROSÁRIO E IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

### 17 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

## REFERÊNCIAS



# INTRODUÇÃO

O projeto cultural **“Coisas de Negres: Descida da Memória, Identidade e Inclusão”** é uma ação da **Associação Cultural Coisas de Negres**, entidade engajada na luta pela valorização da história e memória afro-brasileira, e no combate a todas as formas de preconceito, como racismo, LGBTfobia, machismo, etarismo em Vitória/ES.

Este projeto propõe a realização de um cortejo cultural a ser desenvolvido pelo Bloco Coisas de Negres, ocupando territórios históricos que representam a presença e a memória negra na cidade, porém, invisibilizados pelo apagamento histórico. Por meio da música e da presença física, o cortejo visa resgatar e reafirmar a participação fundamental da população negra na construção social, cultural e histórica de Vitória.

No trajeto priorizaremos a força do cortejo musical, os ritmos afrobrasileiros e o impacto visual da presença do bloco, que reforça nossa luta pela diversidade e inclusão social.

Além da ação musical, o projeto inclui a produção e distribuição de cartilha educativa com a história de cada ponto do percurso e a confecção de banners com o mapa do circuito, reforçando a identidade visual e a mobilização coletiva.

O cortejo terá início na estátua de Dona Domingas, local simbólico e representativo da ancestralidade negra local, num percurso que contempla os seguintes pontos: Igreja de São Gonçalo dos Homens Pardos, Pelourinho – Escadaria Maria Ortiz, Praça Costa Pereira e concluindo na Escadaria do Rosário que dá acesso a Igreja do Rosário dos Homens Pretos.

O presente projeto é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, de autoria de Aingrid Fabiane de Souza – da graduação em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, apresentado em 2024, em mais um exemplo que a luta pela valorização da cultura afrobrasileira contra o apagamento histórico e contra o racismo é desenvolvido em todos os espaços sociais, onde fazemo-nos presentes e que podem, devem e são transformados em objetos de apropriação coletiva.



# INTRODUÇÃO

A cidade de Vitória-ES passou por intensas transformações do espaço urbano, ocorridas a partir da década de 1920, e nos processos de remodelagem da cidade territórios foram apagados ou estão em apagamento da paisagem e do mapa da cidade, e por consequência, apagando marcas da presença negra no espaço urbano. A remodelação do espaço urbano, as mudanças nas toponímias mascaram de forma significativa a presença e a memória do povo negro no contexto da cidade. A cidade como um todo perde, pois, as transformações dificultam conhecer sobre a sua geografia, a história dos seus espaços e a dinâmica social da sua ocupação. A realização da Descida do Coisas de Negres, passando pelos territórios e/ou fragmentos socioespaciais negros na cidade, contribuirá significativamente para ampliação do debate sobre as marcas que o racismo imprime na cidade (SOUZA, 2024).

Entende-se por território negro os diversos espaços ocupados pela população negra, variando em escalas e contextos, demarcados por limites que nem sempre são fixos, reconhecidos e caracterizados pela coletividade que os conforma. Incluem-se tanto os espaços que a população negra frequenta e utiliza para sociabilidade e práticas culturais quanto os monumentos e edificações que evocam simbolicamente a presença ou a memória negra. Esta definição é dada por Souza (2024) a partir da interseção da concepção de território negro relacional proposto por Pedrosa (2023) que dialoga com os conceitos de território e territorialidade abordados por Milton Santos (2000) e Haesbaert (2004).

A Descida do Coisas de Negres promoverá um olhar atento para esses territórios contribuindo também para a educação e para o fortalecimento do respeito e da valorização da herança afro-brasileira, ao enriquecer a compreensão da comunidade local sobre o papel crucial que os negros, africanos e afro-brasileiros, desempenharam e desempenham na formação da cultura da cidade. A abordagem pedagógica reforça o compromisso de promover maior reconhecimento e valorização dos territórios negros.

O olhar atento e a reflexão crítica são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e consciente, onde todas as contribuições culturais são devidamente apreciadas e respeitadas (SOUZA, 2024).



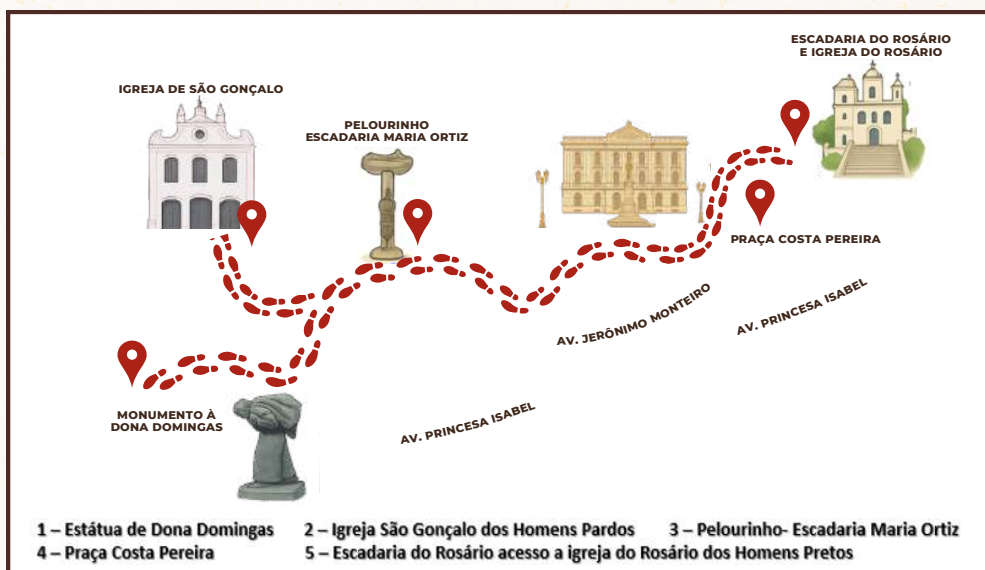
# CIRCUITO DA DESCIDA DO BLOCO COISAS DE NEGRES

A partir do entendimento do conceito de território negro determinamos o circuito identificado na tabela e figura a seguir. O cortejo iniciará na estátua de Dona Domingas, local simbólico e representativo da ancestralidade negra local, encerrando na Escadaria do Rosário

**Tabela 1 - Circuito Proposto - Identificação ponto de partida, pontos intermediários e ponto de chegada e distância média percorrida**

	<b>Território Negro</b>
(1) Partida	Monumento Estátua Dona Dominga
(2)	Igreja São Gonçalo (Homens Pardos)
(3)	Ladeira do Pelourinho (Escadaria Maria Ortiz)
(4)	Praça Costa Pereira
(5) Chegada	Escadaria do Rosário - Igreja Nossa Senhora do Rosário

**Figura 1 - Mapa esquemático - Descida do Coisas de Negres: Rota da memória, identidade e inclusão**



## ESTÁTUA DE DONA DOMINGAS

**Localização:** Praça Presidente Roosevelt, próximo ao complexo da escadaria Bárbara Lindenberg, que dá acesso ao Palácio Anchieta, Centro de Vitória/ES.

**Foto 1 - Estátua de Dona Domingas**



**Foto: Aingrid Souza**

O monumento – Estátua de Dona Domingas – foi esculpida pelo artista italiano Carlo Crepaz que chegou a Vitória no início da década de 1950 para serviços específicos no Santuário de Santo Antônio e estabeleceu residência no bairro de mesmo nome. Há indícios de que Dona Domingas[1] morava nas vizinhanças de seu ateliê. Dona Domingas é representada pelo artista com ombros e cabeça baixos, carregando um saco nas costas. O acesso à pequena praça onde a estátua se encontra requer sair da calçada principal, o que faz com que a obra passe despercebida pelos transeuntes. A estátua reflete a resistência e a existência do negro, simbolizando a conexão com a ancestralidade e a consolidação da identidade e do corpo negro no espaço urbano. A obra expressa a sensibilidade e a atitude de Dona Domingas, revelando as raízes e a visão de mundo de uma mulher que vivia coletando papel nas ruas da Ilha de Vitória (MORAIS, 2018)

Além da estátua em bronze da Praça Presidente Roosevelt existem mais 3 esculturas retratando Dona Domingas: as de madeira estão em Ortisei na Itália e no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, esta última com o título “Anoitecer” e outra em bronze que foi vendida a um comprador do interior do Espírito Santo (Fonte: Site Monumentos Capixabas, acessado em 08/2024)

## ESTÁTUA DE DONA DOMINGAS

**Dona Domingas** uma figura emblemática, neta de escravizados, catadora de papel e papelão, residente do Morro do Pinto, em Santo Antônio - Vitória-ES. Sua vida foi marcada por adversidades, pobreza e solidão. **Conhecida por sua determinação**, coletava papelão e papel, recusando ajuda e sustentando-se com os rendimentos de seu trabalho. Sua trajetória ainda carece de maior reconhecimento e pesquisa. Dona Domingas faleceu em um dia chuvoso, sendo sepultada como indigente, mas sua história é parte essencial da memória da cidade de Vitória-ES (BARROCA, 2021).

A obra transcende sua função estética, oferecendo uma crítica ao tratamento histórico da população pobre e negra, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão sobre o legado e a memória de Dona Domingas (NUNES et al., 2023). Segundo Lefebvre (2001), monumentos e festas nas cidades ajudam a compreender a realidade, sendo frutos de um processo de significações provenientes do campo, da vida imediata, da religião e da ideologia política.

**Foto 02 - Monumento à Dona Domingas**



**Foto: Aingrid Souza**

# ESTÁTUA DE DONA DOMINGAS

## REFLEXÃO

A estátua, situada em um espaço de destaque inferior ao imponente Palácio Anchieta, ilustra simbolicamente a disparidade entre as representações de poder. Enquanto o Palácio Anchieta domina a paisagem de forma grandiosa, a figura de Dona Domingas, fica discreta, porém carrega uma importante carga simbólica (SOUZA, 2024).



A presença de uma mulher negra em um espaço público, mesmo que sutil, é um poderoso símbolo de empoderamento e resistência da comunidade negra, que faz parte integral da sociedade de Vitória.

Apesar de Dona Domingas não ser associada a feitos heroicos específicos, sua imagem serve como uma “heroína” simbólica, representando a persistência e a necessidade de ocupação de todos os espaços pela população negra.

Essa estátua pode ser interpretada através da perspectiva de Milton Santos sobre a visibilidade reduzida dos sujeitos hegemonzados. Podendo ser vista como um território simbólico que reflete a resistência da população negra contra a discriminação e marginalização.

Ao utilizar a estátua como um ponto de partida para discussões sobre território, hegemonia e justiça social, é possível destacar os desafios enfrentados pela comunidade negra, como a discriminação e a falta de oportunidades. Esse enfoque contribui para a conscientização sobre as desigualdades estruturais que afetam a população negra, promovendo um diálogo mais amplo sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A estátua de Dona Domingas, portanto, não apenas marca um ponto de referência geográfico, mas também serve como um catalisador para a reflexão e discussão sobre justiça social e a luta pela igualdade (SOUZA, 2024).

# IGREJA DE SÃO GONÇALO (DOS HOMENS PARDOS)

**Localização:** Rua Cosme Rolim, 56 - Centro, Vitória – ES

**Foto 03 - Fachada Frontal Igreja de São Gonçalo**



**Foto:** Aingrid Souza

A Igreja de São Gonçalo, fundada em 1707, inicialmente era uma pequena capela erigida pelas irmandades de Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora da Boa Morte. Em 1776, uma nova igreja maior, consagrada a São Gonçalo Garcia, substituiu a capela original.

Devido à sua relevância histórica e arquitetônica, o templo foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1948

Diferencia-se das demais igrejas da época por sua localização (situada na área nobre da cidade colonial) e estrutura, serviu principalmente à comunidade parda livre e escravizada. A relação entre a construção da igreja e a classificação social da época destaca como a presença de pardos influenciou a localização e o prestígio da edificação religiosa (PEDROSA, 2023).

Há um contraponto entre sua localização e a localização da Igreja do Rosário dos Homens Pretos que foi construída no Morro do Pernambuco (área periférica da cidade colonial). Fato demonstra a segregação espacial determinada pela cor da pele e ação do racismo na sociedade Capixaba Colonial.

# IGREJA DE SÃO GONÇALO (DOS HOMENS PARDOS)

## REFLEXÃO

A Igreja de São Gonçalo em Vitória, ES, é um exemplo notável de como a história e a memória de um território pode ser reconfigurada ao longo do tempo.



Sua origem revela um vínculo profundo com a história afro-brasileira, mas a maneira como essa história é percebida e valorizada atualmente sofreu uma transformação significativa

A Igreja pode ser vista como um espaço que foi originalmente moldado pela necessidade de uma comunidade negra, composta por pardos ex-escravizados e livres, professar sua religiosidade, sendo um espaço de culto, mas também um símbolo de resistência diante da opressão

Atualmente percebe-se um apagamento da memória desse espaço histórico, uma vez que seu reconhecimento e importância se revela pela superstição de que os casamentos nela realizados são duradouros, o que reflete uma transformação significativa na forma como ela é percebida e utilizada.

A ênfase em casamentos duradouros pode ser percebida como uma forma de apropriação do espaço para fins comerciais, que desvia a atenção do seu passado negro e escravocrata.



**As territorialidades não são fixas;** elas se sobrepõem e se transformam conforme as dinâmicas sociais, econômicas e culturais mudam, mas a maneira como esse território passa a ser reinterpretado e apropriado enfraquece ou até mesmo invisibiliza o vínculo com a memória negra e o passado escravista da cidade (SOUZA, 2024).

# IGREJA DE SÃO GONÇALO (DOS HOMENS PARDOS)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), no Brasil, **negro é quem se autodeclara preto ou pardo**, pois a população negra é o somatório de pretos e pardos, pessoas de ancestralidade africana, desde que assim se identifique. De acordo com Leite (1991, p. 41) apud Vieira (2017) “a população de origem africana, ainda que bastante miscigenada, tem permanecido como categoria distinguível”.

Na paisagem a igreja precisa ser lida como um testemunho da luta e resistência desses grupos (Pretos e Pardos).

O fato de que esses espaços, originalmente criados como centros de identidade e cultura negra, possam ser reconfigurados para fins que não reconhecem ou celebram esse passado, revela um aspecto importante da dinâmica de poder e da construção da memória urbana (SOUZA, 2024).

**Foto 04 - Fachada lateral Igreja de São Gonçalo**



**Foto: Aingrid Souza**

## PAISAGEM

Conforme apontado por Venturi (2018), a Geografia apresenta uma ampla gama de conceituações e definições sobre a paisagem, mas o autor argumenta que é fundamental adotar uma abordagem que vá além das concepções que priorizam a aparência visual em detrimento das dinâmicas e processos subjacentes. Venturi defende que a compreensão da paisagem deve ser feita através da perspectiva de um sistema integrado e dinâmico, regido por leis naturais, conforme a definição proposta por Alexander Von Humboldt, que entende a paisagem como um complexo holístico e interdependente de elementos físicos e humanos.

## LADEIRA DO PELOURINHO ESCADARIA MARIA ORTIZ

Localização: A escadaria liga a Rua Duque de Caxias a Rua Pedro Palácios na Cidade Alta - Centro, Vitória – ES

A Escadaria Maria Ortiz representa um marco histórico e cultural significativo para a cidade, destacando a interação complexa entre memória histórica e toponímia.

Originalmente conhecida como Ladeira do Pelourinho, a via recebeu este nome devido à localização do pelourinho, símbolo de opressão e castigo para os escravizados durante o período escravocrata (PEDROSA, 2023).

Segundo Paula Barreto (2024), a Escadaria Maria Ortiz, localizada no Centro Histórico de Vitória, simboliza a bravura e resistência do povo capixaba, tendo sido nomeada em homenagem à jovem Maria Ortiz que em 1625, durante uma tentativa de invasão holandesa liderada pelo almirante Piet Heyn, destacou-se ao impedir o avanço dos corsários pela Ladeira do Pelourinho, utilizando água fervente e fogo como armas improvisadas. Sua atitude heroica inspirou a população local a resistir, culminando na expulsão dos invasores. Em reconhecimento, a ladeira foi renomeada em 1899 e transformada em escadaria em 1924, com projeto de Henrique Novaes. Apesar das transformações urbanas que modificaram seu entorno, o local permanece como símbolo da coragem.

### Foto 05 - Ladeira do Pelourinho – Escadaria Maria Ortiz



Foto: Aingrid Souza

Fonte: Escravo no pelourinho - Debret, 1835

# LADEIRA DO PELOURINHO ESCADARIA MARIA ORTIZ

A nova nomenclatura, Escadaria Maria Ortiz, reflete a tentativa de invisibilização da história associada à escravidão na cidade, fenômeno comum em sociedades que buscam reescrever ou ocultar aspectos dolorosos de seu passado.

A Escadaria serve como um poderoso lembrete da complexa dinâmica entre o reconhecimento histórico e o apagamento de memórias, refletindo a luta contínua para manter viva a herança cultural e as narrativas de resistência (PEDROSA, 2023).

A escadaria preserva a memória de Maria Ortiz e apaga as memórias da escravidão do povo negro na cidade. A mudança de toponímia oferece um rico campo para discussões sobre memória e identidade.

O nome original, Ladeira do Pelourinho, remete a uma época de opressão e sofrimento, associado à escravidão e à violência infligida aos negros.

A mudança de nome conduz a reapropriação e ressignificação do espaço, buscando celebrar uma contribuição positiva e valente.

Por outro lado, a mudança contribuiu para o apagamento ou minimização da memória do sofrimento dos negros que ocorreu no local.

A história não deve ser apenas celebrada, mas também compreendida em suas múltiplas dimensões.

Incluir este local no circuito contribui para o desafio de integrar a história dolorosa com a nova narrativa, garantindo que ambos os aspectos sejam parte de uma compreensão mais rica e completa do espaço e da identidade local (SOUZA, 2024).

## TOPONÍMIA

Os nomes de lugares podem ser vistos como "testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados em diversos momentos da vida de uma população" (DICK, 1990, p.22 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005). Nesse contexto, o estudo linguístico dos topônimos se revela como uma atividade multifacetada, que pode contribuir para o entendimento do "significado e da motivação do nome do lugar", levando em conta as relações linguísticas, sociais e culturais entre o universo pesquisado e o topônimo em si (PEREIRA, 2009 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005). Além disso, a análise do ato de nomeação de lugares reflete o "pensamento, valores pessoais e sociais do homem enquanto ser social em diferentes sociedades ao longo da história" (ISQUERDO; KRIEGER, 2004 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005).

## PRAÇA COSTA PEREIRA

A atual Praça Costa Pereira, no período colonial, era um espaço simples, com uma pequena praia e uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Contudo, com as mudanças urbanas promovidas por Muniz Freire, a área foi aterrada e transformada no Teatro Melpômene, levando à renomeação do antigo largo para Largo do Teatro. Na década de 1920, o engenheiro Moacir Ávidos concretizou o projeto de transformar o largo em uma praça ajardinada, que foi oficialmente inaugurada em 1926 e recebeu o nome de Praça Costa Pereira, em homenagem a José Fernandes da Costa Pereira Júnior, uma figura significativa na abolição da escravatura e presidente da província do Espírito Santo entre 1861 e 1863. Ao longo dos anos, a praça passou por várias reformas paisagísticas, incluindo projetos de Paulo Motta e a adição de um pequeno lago artificial na década de 1940. Essas melhorias embelezaram o espaço e o tornaram um importante centro cultural da cidade. A praça, além de ser um local de lazer e contemplação, é rodeada por marcos culturais relevantes, como o Teatro Carlos Gomes e o Cine Teatro Glória, que reforçam a importância cultural da Praça Costa Pereira na capital capixaba (PMV-SEDEC, 2024).

**Figura 2 - A praça Costa Pereira (1920)**



**Fonte: Revista do instituto histórico e geográfico do Espírito Santo – N°44, ano 1994.**

**Figura 3 - Teatro Carlos Gomes na década de 1930**



**Fonte: Biblioteca IJSN.**

## PRAÇA COSTA PEREIRA

Mudança do nome para Praça Costa Pereira, em homenagem a José Fernandes da Costa Pereira Júnior reforça a identidade histórica e cultural do local (PEDROSA, 2023). A toponímia serve como referência histórica e meio de afirmar a importância da luta contra a escravidão e a resistência negra.

Na atualidade a Praça Costa Pereira recebe eventos culturais como samba, hip-hop, capoeira e o projeto “Por Todas Nós: aquilombando a Costa Pereira” que promovem a continuidade de um espaço de celebração da identidade negra.

Esses eventos criam um ponto de referência e encontro para a comunidade negra e para todos interessados em sua rica tradição (SOUZA, 2024).

### Foto 06 - Praça Costa Pereira (2025)



Foto: Aingrid Souza

### RUA 13 DE MAIO

Conectada a Praça Costa Pereira encontramos a Rua 13 de Maio (antiga Rua do Piolho). O atual nome da rua é referente a data em que o estado brasileiro assina oficialmente a abolição da escravidão por meio da Lei 3353, de 13 de maio de 1888, Lei Áurea.

A Rua 13 de Maio, localizada na periferia da cidade colonial, com condições de baixa salubridade e habitabilidade, foi um espaço que, apesar da marginalização, serviu como um território de resistência e resiliência cultural para a população negra. A rua de acordo com Pedrosa (2023) era um local onde a comunidade negra estabeleceu moradia, relações sociais, culturais e econômicas, contribuindo para a formação de uma identidade comunitária negra, mesmo diante das adversidades.

Apesar de não preservar atualmente as características físicas da época colonial, possui um valor patrimonial e histórico significativo.

### VOCÊ SABIA ?

## ESCADARIA DO ROSÁRIO

### IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

A Escadaria do Rosário, que dá acesso a Igreja do Rosário, além de fazer parte do conjunto arquitetônico tem papel relevante para a comunidade do Hip-Hop e do samba, pois o local é referência para eventos e encontros destinados a fomentar a cultura na cidade.

A Escadaria do Rosário, ao ser um ponto de encontro para a prática do Hip-Hop e samba, assume um papel crucial como espaço de expressão cultural e resistência.

O Hip-Hop e o samba são movimentos culturais e sociais, e formas de resistência e afirmação da identidade negra, e a presença nesse local reforça o vínculo entre o espaço e cultura. Estes eventos além da contribuição para o desenvolvimento social e cultural da área, atraindo visitantes impactando também na percepção pública sobre a importância histórica e cultural da escadaria.

**Foto 07 - Escadaria do Rosário**



**Foto: Aingrid Souza**

## ESCADARIA DO ROSÁRIO

### IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada à rua do Rosário, 135 - platô do morro Pernambuco, Centro, Vitória – ES, atualmente conhecida como Igreja do Rosário, foi construída no ano de 1765, e tombada pelo Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, em julho de 1946.

A Igreja possui uma trajetória significativa desde sua construção no século XVIII. A Irmandade responsável pela igreja recebeu o terreno em 1765 e iniciou a construção, que foi realizada com o trabalho de escravizados e negros libertos. A igreja apresenta características típicas do período colonial, sendo implantada em área elevada e distante do núcleo urbano da época. As expansões ao longo dos séculos incluíram a adição de uma torre sineira e a ampliação da capela e sacristia, refletindo o crescimento da devoção local (PEDROSA, 2023).

**Foto 08 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos**



**Foto: Aingrid Souza**

A igreja também desempenhou um papel social importante, com arrecadação de fundos, por meio de realização de leilões, para compra de alforria de escravizados. Oferecia sepultamento para os negros, em um contexto de exclusão dos negros dos cemitérios públicos (PEDROSA, 2023).

## ESCADARIA DO ROSÁRIO IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

Abordar a localização da igreja no morro Pernambuco, distante do núcleo urbano da época colonial, permite discutir a segregação social e espacial daquele período. A escolha do local, longe das áreas centrais e comerciais, reflete uma forma de marginalização espacial imposta à população negra. Outro ponto de discussão relevante é a presença da casa de leilões, que objetivava acumular fundos para a compra de alforria, e do cemitério dedicado aos negros, sublinhando a função da igreja como um espaço de resistência e de suporte à comunidade negra, o que evidencia que igreja é um território negro, não apenas por sua população fundadora e frequentadora, mas também pelo papel social e cultural desempenhado. O significado histórico do local para a população negra é incontestável (SOUZA, 2024).

Apesar de sua relevância como patrimônio histórico, arquitetônico, artístico e paisagístico federal, registrado no Livro de Tombo Histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Igreja Nossa Senhora do Rosário, após cortes de verbas da Prefeitura de Vitória para o programa Visitar o Centro, teve suas portas fechadas, pois ao ser excluída do programa enfrentou dificuldades para manter a segurança do espaço e guias responsáveis pelo acompanhamento das visitas regulares do público (FRIEDRICH, 2024).

A ausência de investimentos públicos compromete não apenas o desenvolvimento do turismo promovido pelo programa Visitar, mas também a preservação da memória associada a este território negro.

### REFLEXÃO

A inclusão ou exclusão de determinados locais em programas turísticos pode moldar a percepção pública sobre a valorização desses espaços. Essas questões são essenciais para compreender a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos não apenas como um patrimônio histórico, mas também como um elemento fundamental da identidade e da cultura negra em Vitória. Além disso, as discussões sobre os investimentos públicos e a localização excluída do centro da cidade colonial ilustram como as questões políticas podem impactar a preservação desse bem cultural (SOUZA, 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da Descida do Coisas de Negres: Memória, Identidade e Inclusão é uma ação cultural de grande potência simbólica e social. Ela reconecta a cidade de Vitória-ES às suas raízes afro-brasileiras, visibilizando territórios que foram historicamente apagados ou ressignificados sem o devido reconhecimento da presença negra.

Para a comunidade negra, este cortejo é um ato de afirmação, pertencimento e resistência. Ele contribui para o fortalecimento da identidade coletiva, para a valorização das práticas culturais ancestrais e para o reconhecimento das contribuições negras na formação da cidade. Já para a sociedade em geral, a ação amplia a consciência histórica, convida ao enfrentamento das desigualdades estruturais e promove o respeito à diversidade como pilar da justiça social.

É importante ressaltar que existem outros territórios negros na cidade de Vitória que também carregam memórias importantes e que merecem ser conhecidos, protegidos e valorizados. No entanto, por limitações técnicas, logísticas e materiais, o circuito da Descida ficou restrito aos territórios apresentados nesta cartilha.

Para quem deseja aprofundar-se na temática e conhecer outros espaços marcados pela presença negra na cidade, indicamos os estudos de Pedrosa (2023) e Souza (2024), que oferecem mapeamentos detalhados e reflexões fundamentais sobre a configuração dos territórios negros no espaço urbano de Vitória-ES.

Reconhecer esses espaços, dar-lhes visibilidade e inseri-los na memória coletiva é essencial para a construção de uma cidade mais inclusiva, plural e comprometida com a reparação histórica. Que esta cartilha e o cortejo sirvam como um convite permanente à escuta, ao olhar crítico, ao aprendizado e à transformação social.

## REFERÊNCIAS

BARROCA, Aldo José. "Dona Domingas, importante mulher na cultura capixaba." *Tribuna Livre*, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/coluna/tribuna-livre/dona-domingas-importante-mulher-na-cultura-capixaba-96714?home=esp%C3%ADrito+santo>. Acesso em: [data de acesso].

BRASIL. Lei 2040, de 28 de setembro de 1871. Lei do Ventre Livre. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em: 16/07/2024.

BRASIL. Lei 3353, de 13 de maio de 1888. Lei Áurea. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm). Acesso em: 16/07/2024.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. *A natureza do espaço para Milton Santos*. GEOGRAFARES, n° 6, 2008

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DIAS, Guilherme Soares. *Guia Negro de Vitória: oito dicas de cultura e turismo*. Revista Eletrônica Guia Negro. 2023. Disponível em: < [Guia Negro de Vitória: oito dicas de cultura e turismo - Guia Negro](#)>. Acessado em: 19/08/2024.

ES 360. *Mural com mulheres que fizeram história no ES será entregue em Vitória: a obra faz parte do Projeto "Cores que Acolhem – Colorindo o Centro"*. Publicado em 07 mar. 2022. Disponível em: [[Mural com mulheres que fizeram história no ES será entregue em Vitória - ES360](#)]. Acesso em: [13/10/2024].

FERREIRA, Gilton Luis, 1966- F383r *A reinvenção da cidade: a transformação das ruas e o reordenamento da vida na cidade de Vitória/ES-1890/1928* / Gilton Luis Ferreira. – 2016. 293 f. : il.

FOLHA VITÓRIA. *Circuito Afro apresenta espaços de valorização da cultura negra em Vitória*. 2017. Disponível em: < [Circuito Afro apresenta espaços de valorização da cultura negra em Vitória \(folhavoritoria.com.br\)](#)> Acessado em 19/08/2024.

FRIEDRICH Mariah. *Igreja do Rosário em Vitória reabre com apresentação de filarmônica*. Revista Eletrônica ESBrasil. Disponível < [Igreja do Rosário reabre com apresentação de filarmônica \(esbrasil.com.br\)](#)>. Acessado: 25/08/2024

## REFERÊNCIAS

- FRIEDRICH Mariah. Samba de segunda a segunda na Grande Vitória. Revista Eletrônica ESBrasil. Disponível < <https://esbrasil.com.br/samba-de-segunda-a-segunda-na-grande-vitoria/>>. Acessado: 09/08/2024
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. (Org.). A Emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. p. 19-36.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, setembro de 2004.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010.
- LEFEBVRE, Henri. A Produção do Espaço. Editora Paz e Terra, 1974.
- LIMA, F. A. S. (1994). A Transformação Urbana de Vitória: A Década de 1940 e o Desenvolvimento Integrado. Editora Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- LIMA, F. T. (1993). Vitória: Formação e Transformação Urbana. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- LOUREIRO, Walk; SOEIRO, Lucas Borges; LOUREIRO, Danielle Queiroz Pereira. Áreas informais de lazer da cidade de Vitória, Espírito Santo: Oportunidade que não é para todos; XX CONBRACE – VII CONICE. Goiânia-GO. 2017
- MACIEL, Cléber. "Negros no Espírito Santo". publicação da coleção Canaã do APEES, 2016.
- MACIEL, Cleber. Negros no Espírito Santo / Cleber Maciel; organização por Osvaldo Martins de Oliveira. –2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 282 p.: il. – (Coleção Canaã, v.22).
- MONUMENTOS CAPIXABAS. O projeto faz uma catalogação dos monumentos espalhados pelos 78 municípios do Espírito Santo. Disponível em: < <https://monumentoscapixabas.com.br/>>. Acessado em: 09/08/2024
- MORAIS, Érica Renata Vilela de. Educação e cidade: diálogos possíveis para explorar a temática afro-brasileira / Érica Renata Vilela de Moraes, Dilza Côco. – Vitória, ES: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018.

## REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Rodrigo Vieira do; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 3, p. 1003-1029, 2018

NUNES, Fabíola Fraga; MOREIRA, Fabricio do Rosário; MIRANDA, Giuliano de; CIRILO, José. Dona Dominga, para além das escadarias do poder. Farol, v. 19, n. 28, p. 46-58 – 2023. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/40098>>. Acessado em: 09/08/2024

PMV-SEDEC – Prefeitura Municipal de Vitória – Secretaria de Desenvolvimento da Cidade e Habitação. Praça Costa Pereira. 2024. Disponível em: < [Praça Costa Pereira – Prefeitura de Vitória \(vitoria.es.gov.br\)](http://Praça Costa Pereira – Prefeitura de Vitória (vitoria.es.gov.br))>. Acessado em: 19/08/2024.

PREDROSA, Kaira Bicalho. Na Cidade escravista: Territórios negros no espaço urbano de Vitória-ES (1850-1876). Pós-Graduação do Centro de Artes - UFES. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA – PMV – SEMC (Secretaria Municipal de Cultura). Escadaria Maria Ortiz. Disponível <[Escadaria Maria Ortiz – Prefeitura de Vitória \(vitoria.es.gov.br\)](http://Escadaria Maria Ortiz – Prefeitura de Vitória (vitoria.es.gov.br))>> Acessado em: 09/08/2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEME-POA). Territórios Negros. Disponível < [Povo Negro \(portoalegre.rs.gov.br\)](http://Povo Negro (portoalegre.rs.gov.br))> Acessado em: 27/08/2024

RAFFESTIN, Claude. O que é o território? In: \_\_\_\_\_. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 2011. p. 128-146.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf>. Acesso em: 16/07/2024.

SOUZA, Aingrid Fabiane de. Territórios Negros na Cidade de Vitória-ES (2024): Proposta de Circuito para aula de campo de Geografia. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (2024).



**Associação Cultural Coisas de Negres**  
**CNPJ N° 52.873.949/0001-08**  
**Fundado em 10 de março de 2021**

contato:

-  [projetocoisasdenegrxs@gmail.com](mailto:projetocoisasdenegrxs@gmail.com)
-  (27) 99622-8117 | (27)99203-1712
-  @coisasdenegres
-  <https://coisasdenegres.com.br>

AUTORIA - PESQUISAS - FOTOGRAFIAS  
**Aingrid Fabiane de Souza**

# APOIO CULTURAL

